

A NECESSIDADE DE UMA FERTILIZAÇÃO MÚTUA ENTRE OS CAMPOS DA DOCUMENTAÇÃO ACADÊMICA E ALTERNATIVA

Rachel Joffily Abath*

Gilvando Sá Leitão Rios**

Denise Gomes Pereira de Melo*

Resumo

Pesquisa sobre os Centros Populares de Documentação e Comunicação (CPDCs) na região Nordeste do Brasil com o objetivo de fomentar o intercâmbio entre a documentação acadêmica e a documentação alternativa. O estudo de caso aborda a realidade empírica da Documentação Oficial (Biblioteconomia e suas estruturas de bibliotecas públicas e universitárias) e a Documentação Alternativa (CPDCs) utilizando o conceito de campo social de BOURDIEU como idéia-força utilizada na tentativa de compreensão da realidade pesquisada. Adotou-se uma técnica simples em que discriminam-se os traços referentes a diferentes instituições, no caso da Documentação Oficial e dos CPDCs. A partir de entrevistas feitas em dezesseis CPDCs identificaram-se quinze características dos mesmos que se contrapõem às bibliotecas da documentação oficial. Detectou-se também um distanciamento entre esses subcampos em termos ideológicos, organizacionais e nas formas de recuperação de informação, resultando numa ignorância mútua entre ditos campos.

1 INTRODUÇÃO

Após 1964, os trabalhadores e os movimentos populares silenciados e isolados pelo regime militar, criaram diversas formas de organizações sociais, a partir de diferentes temas. Nesse sentido se formaram Movimentos Sociais como resposta política à impossibilidade do Estado autoritário atender a certas demandas sociais. Segundo Pinto (1992), os Movimentos Sociais

* Departamento de Biblioteconomia / UFPB

** Departamento de Ciências Sociais / UFPB

constituem-se no interior da sociedade civil, reorganizam a sociedade, rearticulam as relações de poder e podem transformar-se ou não, apesar de sua natureza reivindicatória na maioria das vezes, em elementos fortes enquanto lobby frente ao Estado.

Assim, no final desta década surgiram os Centros Populares de Documentação e Comunicação (CPDCs), ligados, em geral, ao trabalho social da Igreja. Nos primeiros anos os CPDCs se caracterizaram pelo desenvolvimento de trabalhos com os movimentos sociais, documentando-os e se constituindo fonte de informação para os politicamente marginalizados.

A partir dos anos 80, com a abertura política e a volta do regime democrático, os CPDCs foram se tornando entidades autônomas e se transformando em ONGs, pertencendo ou não a movimentos sociais, se constituindo fonte de informação, principalmente, para os socialmente marginalizados, isto é, comunidades carentes, militância homossexual, questão indígena, atuação feminina, questão agrária, entre outros.

De forma geral os CPDCs cumprem três grandes grupos de tarefas: a) tarefas de documentação; b) trabalhos com meios de comunicação e produção de imagens; c) tarefas de conscientização, organização e mobilização. Quanto às tarefas de documentação, apresentam como características básicas a estruturação da documentação para subsidiar a comunicação com vistas a colaborar nas lutas populares, através de jornais, audiovisuais, organizações de reuniões, tarefas coletivas etc.

Este artigo deriva de uma pesquisa que utilizou a conceituação de campo social. Em termos empíricos consideramos como *documentação oficial* a Biblioteconomia em seu conjunto, isto é, bibliotecas públicas e universitárias, o ensino da Biblioteconomia e a regulamentação da profissão.

A *documentação alternativa*, também chamada de documentação popular, surge como reação política contra o conteúdo e a forma de utilização da chamada documentação oficial ou convencional. Isto porque, enquanto a *documentação oficial* abordaria a informação de maneira neutra e despolitizada, a *documentação popular*, segundo Rocha (1990), o faria numa perspectiva declaradamente política (em termos de classe).

2 A DOCUMENTAÇÃO COMO CAMPO SOCIAL (DOCUMENTAÇÃO OFICIAL E DOCUMENTAÇÃO ALTERNATIVA)

Bradford (1961) conceitua Documentação como: "a arte de coletar, classificar e tornar facilmente acessíveis os registros de todas as formas de atividades humanas".

A Documentação de acordo com Lopez Yepes (1978) pode ser relacionada com a Biblioteconomia ou ser vista de forma independente. No nosso estudo foi considerada a corrente que relaciona a Documentação com a Biblioteconomia. Segundo Fonseca (1992), a Biblioteconomia consiste em

organizar livros implicando tanto em ordená-los segundo um sistema lógico de classificação dos conhecimentos e em conservá-los para que resistam a condições desfavoráveis de espaço e tempo, como em torná-los conhecidos - por meio de catálogos, bibliografias, resumos, notícias, exposições, etc. - para que sejam utilizados pelo maior número possível de pessoas interessadas nos

elementos formativos, informativos, estéticos ou simplesmente lúdicos.

Considerando-se, então como base dessa organização, o interesse e as necessidades dos usuários.

A relação Documentação *versus* Biblioteconomia pode se apresentar de três formas (LOPEZ YEPES, p. 71): a) definições globais ou de superposição - incluem a Biblioteconomia como parte da Documentação. Tudo é função da Documentação; b) definições paralelas ou de justaposição - contemplam a Biblioteconomia e a Documentação como estruturas paralelas. Para Pietsch (*apud* LOPEZ YEPES, 1978) os bibliotecários se "*ocupam*" dos documentos e os documentalistas os "*exploram*". De acordo com Fill (*apud* LOPEZ YEPES, 1978) o campo específico das bibliotecas é as Ciências Humanas, enquanto a Documentação domina os campos das Ciências Aplicadas e da Tecnologia; c) definições subordinadas ou de infraposição - os teóricos desta corrente consideram a Documentação como uma simples extensão da Biblioteconomia.

Observa-se que há uma disputa entre concepções e denominações de Documentação e Biblioteconomia, e, conseqüentemente, entre documentalistas e bibliotecários. Situação propícia para a aplicação da *Teoria de Campo Científico como Campo Social* de Bourdieu, definido por Ortiz (1983, p. 19), como o "locus onde se trava uma luta concorrencial entre atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão".

A profissão está reconhecida através da Lei n.º 4.084/62, que veio regular o seu exercício, definindo as atribuições e criando Conselhos fiscalizadores. Cabe ao bibliotecário cuidar das tarefas de coleta, processo, armazenagem, recuperação e disseminação da informação (CUNHA, 1978). Entretanto, Mueller (1989) no seu estudo Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional, conclui que a formação do bibliotecário não pode ser única, "parece evidente a necessidade de formação em vários níveis e com possibilidades de habilitações diversas" para atender às exigências do mercado de trabalho. Entretanto, o ensino atual da Biblioteconomia está voltado para a formação de profissionais para atuar em bibliotecas do serviço público, entre estas destacam-se as bibliotecas públicas e as bibliotecas universitárias.

Temos dentro do campo social da Documentação, dois subcampos, o da *Documentação Oficial* e o da *Documentação Alternativa*. O primeiro sendo constituído pela Biblioteconomia em seu conjunto, isto é, Bibliotecas Públicas e Universitárias, o ensino da Biblioteconomia e Regulamentação da profissão.

A documentação alternativa, segundo a CELADEC (1984) - Comissão Evangélica Latino-Americana da Educação Cristã:

não se define como uma cópia sistemática de dados, à espera de um eventual consumidor [...]. Ao contrário, devemos definí-la como uma fase dos processos de comunicação popular, pois a informação recolhida e processada deve converter-se em mensagens que garantam o conhecimento e a formação a que fizeram referência". "Define-se como uma tarefa sistemática que contribui para que a sociedade tome conhecimento das contradições que a atravessam, das forças que lutam, orientando este conhecimento para a formação teórica e política dos setores populares. A finalidade deste tipo de documentação não se esgota em si mesma, mas é uma atividade instrumental, uma ferramenta para mudança social.

Certos entrevistados desta pesquisa conceituaram a documentação alternativa:

a) "Popular eu entendo por povo. Não importa que ele seja índio, não índio ou o que seja. No caso de você prestar um serviço, porque eu acho que qualquer processo democrático de um país está ligado a sua documentação e o acesso a essa documentação[...] é o povo ter acesso a sua história". (ANAI)

b) "É o resultado de uma ação de trabalhos junto à classe popular. Essa documentação, tanto escrita, falada, visual, toda essa documentação é fruto de uma ação da classe popular, ou dela mesma, ou voltada para ela, feita para ela, mas que tenha a participação dessa classe, tenha a linguagem dessa classe e que seja compreendida por ela." (SEDUP).

c) "Diz respeito a informações dos movimentos populares. Elas passam por certos filtros e essas informações que não conseguem alcançar a grande mídia elas passam a ser editadas em pequenos órgãos da imprensa, chamada popular, que são esses boletins de sindicatos de movimentos populares". (SAMOPS)

Nós abordamos a realidade empírica da Documentação Oficial (Biblioteconomia e suas estruturas de bibliotecas públicas e universitárias) e da Documentação Alternativa (CPDCs) utilizando o conceito de campo social de BOURDIEU (1983, p. 89) o qual o conceitua em função sobretudo da

definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos [...] e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar nesse campo [...]. Para que o campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de 'habitus' que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes de jogo, dos objetos de disputas, etc. .

Por *habitus* o autor se refere à internalização *pessoal* por cada membro de um determinado campo dos valores deste último, trata-se de tradução pessoal do processo de socialização. O conceito de campo social foi, pois, a idéia-força utilizada na tentativa de compreensão da realidade pesquisada.

3 CARACTERÍSTICAS DOS CPDCs COMO CAMPO SOCIAL.

Nesse estudo dos CPDCs foi-nos muito útil a aplicação do que Bourdieu (1993, p. 202) chama de o quadro dos traços pertinentes de um conjunto de agentes ou instituições. Trata-se de uma técnica simples de discriminação de traços pertinentes a diferentes instituições em um determinado campo social e que utilizamos para determinar (a partir das entrevistas) uma série de características próprias a cada um dos subcampos da Documentação.

Os quadros pertinentes das propriedades da documentação como campo social foram identificados em função dos dois subcampos da documentação oficial e da documentação alternativa.

Em contraposição às bibliotecas da documentação oficial, os centros de documentação

alternativa pesquisados apresentam as seguintes características:

a) CONSTITUIÇÃO DE ACERVO ATRAVÉS DE INTERCÂMBIO

Os CPDCs constituem seus acervos, em grande parte, por intercâmbio em função da interação existente entre os diversos centros, a refletir o dinamismo de suas atuações em distintas áreas sociais, de par com uma ideologia comum em termos de uma atuação voltada para valores coletivos.

Assim, o SEDUP - Serviço de Educação Popular, Guarabira, PB - segundo sua diretora, ao ser entrevistada afirmou que a gente pega produtos de outras unidades. A gente tem um intercâmbio de informações. Eles mandam prá cá, a gente manda quando produz alguma informação, manda prá eles, sempre tem isto. Quando precisa de livro, qualquer dado, a gente busca e troca informação.

Dentro dessa linha de intercâmbio o CEAS - Centro de Estudos e Ação Social, Salvador, BA - transferiu para a CPT - Comissão Pastoral da Terra, Salvador, BA - um acervo de recortes de jornais sobre questões agrárias, violência no campo, luta pela terra, etc.

b) FORMAÇÃO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO COOPERATIVOS AUTOMATIZADOS DE POUCA ABRANGÊNCIA

Os CPDCs apesar do nome (documentação popular) e de representarem a documentação alternativa, não utilizam necessariamente meios rudimentares de tratamento de informação, pelo contrário apresentam inclusive exemplos de pioneirismo no ponto de vista técnico.

Assim o Centro Cultural Luís Freire - Olinda, PE, o CENAP - Centro Nordestino de Animação Popular e o SOS CORPO - Recife, PE - formaram um sistema automatizado, vinculando os três centros. Sobre esta experiência, a entrevistada do setor de documentação do Centro Luís Freire, assim, se exprimiu:

Hoje, a documentação está interferindo na qualidade da produção da área, quando está se especializando, então hoje, a gente tem o programa de banco de dados, de informatização de referências bibliográficas, isso demanda pesquisa, demanda tempo para ser elaborado.

A gente fez um projeto, esse papel foi elaborado, foi financiado especificamente para fazer uma pesquisa nessa área. Hoje, tem um grupo, grupo CENAP, Luís Freire, que estuda esse sistema e tenta aperfeiçoá-lo. Hoje, eu acredito que são dez organizações, que adquiriram o sistema para utilizar, então a gente tem uma responsabilidade com os outros centros de documentação, muito maior. Não é mais só subsidiar com documentos, com bibliografias, as equipes. É também qualificar o trabalho das equipes, contribuir para a qualificação dos trabalhos dos centros de documentação, à medida que a gente adquire experiência. Isso eu destaco no Centro Luís Freire, SOS CORPO, CENAP. Houve esse espaço porque o setor de documentação tem um espaço bem jogado nas entidades.

Aqui houve todo um processo de luta para conquistar e provar que a documentação estaria sendo subutilizada, que o papel da documentação deveria ser outro e não um arquivo de documentos e sim uma coisa atuante. Se a gente na prática tem conseguido provar isso, com resultados qualitativos e isso, quer dizer, em decorrência a gente tem conseguido um espaço de participação, um

espaço de capacitação e de interlocução com as outras entidades.

c) PARTICIPAÇÃO INTENSIVA DE REDES DE INFORMAÇÃO AUTOMATIZADAS

Do ponto de vista da participação em redes de informação automatizadas os CPDCs se destacam pelo uso de novas tecnologias em contraposição à rotina dominante na documentação oficial, desfazendo mais uma vez o estereótipo da associação entre alternativo e precariedade.

Nesse sentido, a documentação alternativa se revela como um pólo dinâmico não, apenas, do ponto de vista sócio-político, mas também tecnológico.

Assim, o SOS CORPO se liga à ALTERNEX e participa de várias redes, tais como: DAWN, REDE LATINO AMERICANA DE SAÚDE, ABONG, INTERNET via RNP- Rede Nacional de Pesquisa.

Por outro lado, a SAMOPS - Sociedade de Assessoria a Movimentos Populares e Sindical, João Pessoa, PB, embora esteja ligado a ALTERNEX, sua rede prioritária é a do MOVIMENTO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS, ao qual se ligam dezessete Estados da Federação. Nessa mesma perspectiva, opera o Centro Luís Freire ligando-se a outras ONGs através da ALTERNEX em função do intercâmbio de informação.

d) RECEPÇÃO SISTEMÁTICA DE FINANCIAMENTO EXTERNO

A recepção sistemática de financiamentos externos é outra característica da documentação alternativa e um indicador de agilidade institucional.

Essa situação é ilustrada pela entrevistada do ETAPAS - Equipe Técnica de Assessoria, Pesquisa e Ação Social, Recife, PE :

nós sempre vivemos com verba das ONGs e da cooperação internacional, e hoje a gente continua, tem financiamento de entidades da Alemanha, Holanda e IAF que é americana. Embora, tenha muita linha hoje de prestação de serviços, que longe está de se auto- financiar

e) ORGANIZAÇÃO DE SERVIÇOS DIRECIONADOS PARA A COMUNIDADE

A prestação de serviços à comunidade constitui uma característica essencial dos CPDCs, podendo-se mesmo dizer que a razão de ser desses centros deriva desse tipo de embasamento. O tipo concreto de ação social desenvolvida vai caracterizar cada um deles. Trechos de entrevistas demonstram a diversidade desse engajamento.

O entrevistado do CECUP - Centro de Educação e Cultura Popular, Salvador, BA - assim descreve sua atuação em comunidades:

Normalmente, a gente faz uma avaliação das carências. Tem um sentido de produzir, subsidiar o trabalho dos educadores populares. A gente circula pela rede pública estadual e municipal, pela rede particular mas o principal objetivo dele é subsidiar os educadores populares [...] a gente detecta as carências maiores e em cima disso a gente pega pessoas que tenham compreensão do CECUP, que tenham uma visão do trabalho popular.

f) A DOCUMENTAÇÃO NÃO É ORGANIZADA DE FORMA CONVENCIONAL

É no nível técnico da organização da documentação que os CPDCs se diferenciam

fortemente das bibliotecas públicas e universitárias. Enquanto estas últimas se pautam ou pretendem se pautar pelas normas da Biblioteconomia, aqueles ignoram as rotinas oficiais ou oficiosas elaborando técnicas específicas de tratamento de documentação. Nessa perspectiva, afirma a entrevistada do ANAI:

Nós entramos por tudo, tem uma ficha e nessa ficha a gente pode entrar por autor, por todas as variáveis da ficha a gente puxa aquele documento. Então, a gente localiza o documento por todas as variáveis, mais palavras-chave, tema e subtema.

g) NÃO HÁ UTILIZAÇÃO DE PROFISSIONAIS COM FORMAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

No que diz respeito à utilização de profissionais com formação em Biblioteconomia, os CPDCs apresentam dois tipos de situações:

- a) não utilizam técnico especializado, alegando ou não questões financeiras;
- b) utilizaram no passado técnico especializado, mas deixaram de fazê-lo por considerarem conflitiva a perspectiva técnica de organização da documentação, isto é, dada a formação generalista do bibliotecário, o mesmo teria dificuldade de adaptar as técnicas às necessidades específicas dos centros. Os trechos de entrevistas a seguir ilustram as duas situações acima referidas

A entrevistada do CENAP afirmou que é “formada em Comunicação Social - Relações Públicas e concluindo Jornalismo, na prática de trabalho no CENAP tornei-me documentalista”, faz parte da equipe, ainda, uma "*documentalista*" com formação em História e Economia.

No Setor de Documentação do SOS CORPO tem um desenhista gráfica que é auxiliado por uma historiadora e por uma psicóloga. Segundo a responsável por esse setor: "o bibliotecário sofre em centros alternativos por dois problemas: se preocupa com a normalização acadêmica, enquanto o objetivo do centro é organizar a informação; tem dificuldade em aceitar a adaptação".

O caso da ANAI é ilustrativamente exemplar à inadaptação do bibliotecário a um centro de documentação alternativo. Para a entrevistada da ANAI

no caso da documentação da questão indígena, uma bibliotecária, só com formação de bibliotecária, não resolveria, porque ela tinha que ter informação sobre os índios, então no caso, quando a gente elaborou como seria esse programa, que atenderia, porque o atendimento vai desde os índios a órgãos federais e governamentais dos Estados, do governo federal a escolas e à consulta nossa para pesquisa, para pareceres antropológicos, e tal. Então você precisa, é muita informação. Às vezes, um povo indígena tem um documento a gente quer tirar tudo. Porque é só aquilo, só aquele documento que tem sobre aquele povo. Então, você precisa processar ele de tal forma, que você consiga depois localizar tudo ali, não é? Quando nós, juntos com a bibliotecária, nós elaboramos um programa de como processar a documentação ficou constatado que era assim, era muito bom ter uma bibliotecária para assessoria, mas quem trabalharia com esses documentos teria que ser uma pessoa que conhecesse o assunto. Porque se fosse uma bibliotecária ela ia processar de uma forma que ia ao encontro da formação dela e não das nossas necessidades. Então, daí é que não se tem bibliotecária, porque é difícil, então a gente tinha muita briga com ela porque ela dizia 'mas não é assim que se faz' e a gente 'não, eu sei que não é assim, mas a gente precisa que seja dessa forma'. Quer dizer, ela tinha argumentos técnicos e muito precisos, mas ia se perder o documento. Não ia se recuperar, então era uma briga constante, porque era uma técnica capacitada e

formada e nós, que não éramos documentalistas, mas sim aprendizes, mas que a gente sabia como fazer, o que queria. Mas, enfim, chegamos a um bom termo no final e, conseguimos vencer.

A entrevistada do Centro Luís Freire afirma conhecer problemas enfrentados por bibliotecários ao trabalhar em um centro de documentação alternativa:

Eu tive contato com uma bibliotecária num centro de documentação alternativa, que é o CENDEC (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea), não é bem alternativo, porque ele, todo corpo do CENDEC é acadêmico, mas a forma era alternativa e ela estava revoltada. Que não tinha passado quatro anos na academia para chegar lá e desordenarem toda cabeça dela, porque tudo que se fazia lá era diferente do que tinha aprendido. Estava muito desgostosa, aí se demitiu por isso. Teve outras experiências que aconteceram aqui mesmo, no próprio Estado, de bibliotecárias que foram contratadas para fazer serviços nos centros alternativos, não conseguiram concluir os serviços.

h) EXPLORAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO PARA COMUNICAÇÃO

Para os CPDCs, ao contrário das bibliotecas oficiais, a documentação não se esgota na organização do acervo, mas visa atingir ativa e diretamente um determinado público previamente definido. A documentação é explorada diretamente para comunicar mensagens que assumem a ideologia de cada CPDC, é o oposto da pretensa neutralidade da documentação oficial.

Interrogado sobre os objetivos formais do setor de documentação, assim se exprimiu o Coordenador do CECUP:

um, é da própria documentação da instituição. Outro, é montagem de um banco de dados. Nós estamos montando isso sobre as escolas comunitárias, sobre o trabalho de ação popular. O terceiro, é a montagem de um banco de dados sobre criança e adolescente, tem inclusive a idéia de se fazer um centro referencial aqui. Nós coordenamos o fórum de crianças e adolescentes no Estado da Bahia. A outra idéia é ser subsídio e apoio ao trabalho de educadores populares, estudantes; são pontos de referência para isso, nós já fazemos isso, a biblioteca já é utilizada como apoio aos trabalhadores populares na formação, na atualização, na capacitação. A videoteca também tem esse sentido de ser apoio do trabalho das organizações comunitárias, das organizações populares, da educação popular, ser um ponto de circulação, de referência do subsídio, a esse trabalho.

Em função de seu apoio às populações indígenas, a ANAI presta assessoria a órgãos públicos:

O ano passado mesmo nós trabalhamos com a FUNAI quase o tempo todo. Emitindo pareceres, indo para a área, então isso precisa de documentação, você tem que estar presente, as FUNAIs regionais aqui na Bahia têm problemas sérios [...] o delegado anterior, levou consigo toda a documentação, quando saiu do órgão, isso é comum. Então, o que veio (depois) não tinha nada, não tinha nada sobre os índios daquela região que ele ia atuar e ele veio aqui em Salvador e pegou toda a documentação, ficou aqui, reproduziu e levou. Então, a gente presta esse tipo de serviço. Constantemente, a gente está preparando dossiês

para enviar.

i) RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO DE MANEIRA ÁGIL E PRECISA

Aparentemente, a priori, o campo da documentação oficial seria mais técnico do que o da documentação alternativa, mas concretamente nem sempre isso ocorre. Assim, no que diz respeito à recuperação de informação, os CPDCs utilizam métodos mais flexíveis e adaptados às necessidades de seus usuários do que as bibliotecas oficiais.

Assim, a entrevistada do CENAP testemunha:

a gente tinha dificuldade de recuperar a informação de maneira mais rápida. No momento que chegar alguém para fazer pesquisa na entidade, você pode solicitar a informação no computador e ele lhe dar os dados na hora é uma coisa que agiliza muito mais. A gente ia pras fichas, procurar as fichas. Agora esse trabalho tem sido feito com muito mais facilidade e a gente tem perspectivas mais ambiciosas, no sentido de ver se esse sistema possibilita a gente trabalhar em grupo, que é poder acessar as outras entidades que trabalham com SDI.

j) ATENDIMENTO DE USUÁRIOS COLETIVOS

Os CPDCs caracterizam-se no que diz respeito a atendimento a usuários, por priorizarem usuários coletivos (entidades, associações, categorias sociais, etc.) vinculados a uma causa também coletiva, em oposição às bibliotecas oficiais que se voltam funcionalmente para o atendimento ao usuário como indivíduo.

A entrevistada do SEDUP, assim, apresenta o seu tipo de usuário:

O público que a gente lida é mais segundo os programas que nós temos. Nós temos um público de mulheres, é mais as dessas organizações, da equipe, dos movimentos organizados. Mulheres, pessoas que trabalham com crianças, os sindicatos rurais, algumas pessoas das comunidades de base, as pastorais e agora alguns colégios que começam a fazer contato conosco.

Os usuários citados pela entrevistada do SOS CORPO são os seguintes: Clube de Mães, Movimento de Mulheres Organizadas, ONGs de mulheres, estudantes de todos os níveis, profissionais da saúde. Basicamente, os usuários são pessoas coletivas.

k) TRABALHO COM ORALIDADE

Dadas as características dos CPDCs de trabalharem sistematicamente a nível comunitário, onde se coloca, muitas vezes, de maneira aguda a questão da alfabetização, a oralidade é privilegiada como um meio de comunicação, fato que não se observa na comunicação oficial.

De acordo com o entrevistado do Olodum:

Quando se fala Grupo Cultural Olodum, significa além da oportunidade que a gente tem de externar nossas opiniões e, também, nós tentamos um trabalho internamente, porque, às vezes, é muito mais fácil você educar as pessoas que estão fora do que educar as pessoas que estão dentro da nossa casa. É complicado, e nós tentamos fazer as duas coisas e nos envolver com outras

atividades que são seminários, que é uma maneira de, por exemplo, a gente tentar passar algumas informações para outras pessoas com seminários, com encontros, com exposições.[...] Então, exposições de todas ordens, lançamento de livros, lançamento de poesias, enfim é uma coisa que o OLODUM tem e que também uma boa parte das entidades da comunidade negra tem, que é basicamente essa força da oralidade [...]. A gente consegue, como eu disse, nessa oralidade, passar o que são experiências vividas, vivenciadas por nós sobre a questão da musicalidade, sobre a questão do OLODUM, como ele surgiu, o que ele faz, o que ele pretende fazer, essas coisas e algumas impressões sobre a origem do Movimento Negro, qual a posição do OLODUM quanto a isto, ou quanto a reconstrução do Pelourinho.

1) PRODUÇÃO DE MATERIAL AUDIOVISUAL

A produção de material audiovisual é outro aspecto a diferenciar a documentação alternativa da documentação oficial. Enquanto a segunda, na melhor das hipóteses utiliza este tipo de material, a documentação alternativa, dadas as características do seu trabalho comunitário, o produz.

De acordo com o seu entrevistado, o CEDOP - Centro de Documentação e Publicações Populares, João Pessoa, Pb - iniciou a sua produção de vídeo a partir dos anos 80, e, atualmente, produz e participa do Banco de Imagem da ABVP - Associação Brasileira de Vídeo Popular.

Na área de comunicação, o ETAPAS, também, trabalha com vídeo.

Para o entrevistado do OLODUM, a informação chega mais perto das pessoas através da música:

Tem um processo. O processo nosso, por exemplo, é a questão da musicalidade, é o domingo do ensaio, as pessoas gostam da música, as pessoas cantam a música. Então, quando a música vai para o disco, a gente já sabe quais as músicas que aquele povo lá no Pelourinho, que são de vários bairros, das classes sociais as mais distintas, estão aprovando aquilo.

Outro CPDC que produz material audiovisual é o Centro Luís Freire cujas pessoas da área de comunicação trabalham na produção da TV Viva e de um programa de rádio.

m) ELABORAÇÃO DE INFORMAÇÃO ESCRITA EM LINGUAGEM ACESSÍVEL ÀS COMUNIDADES

Os CPDCs nos seus trabalhos voltados para comunidades se preocupam com a divulgação de mensagens e discussão de problemas em uma linguagem acessível aos meios populares. Em função disso, apresentam uma variada produção de documentos dos mais diversos tipos (cartilhas, boletins, folhetos, publicações em Braille, calendários, revistas, livros, etc.), ocorrendo, ainda, casos de organização de editora. Trecho da entrevista a seguir, ilustra a situação acima referida sobre a maneira do CECUP elaborar a documentação:

O calendário popular passei dois anos pesquisando e foi feito junto com um companheiro que faz a programação visual do CECUP, a idéia é ter uma análise da história brasileira, do ponto de vista do Movimento Popular, recontar a história, pegamos as datas oficiais e fazer uma análise crítica dessas datas, ao

mesmo tempo, a gente acrescenta datas do Movimento Popular que não têm na história oficial, não é divulgado e apresentamos algumas sugestões de atividades como, educador, como associações de moradores, podem trabalhar essas datas de maneira criativa, de uma maneira reflexiva. Tem esse sentido. E o jornal é trabalhar informações da atualidade que você não tem na grande imprensa. Primeiro, a grande imprensa não dá uma visão popular e, segundo, a população não tem nem os recursos financeiros para comprar os jornais da grande imprensa. Além de que a linguagem da grande imprensa não é uma linguagem acessível.

n) PLANEJAM E AVALIAM OS SERVIÇOS OFERECIDOS

Os CPDCs apresentam uma sistemática de trabalho que muito se distancia do modelo burocrático tradicional com forte peso hierárquico. Além disso, a documentação alternativa costuma avaliar as atividades, previamente planejadas, em função de um *feedback* que orientará as atividades futuras num nível de planejamento participativo.

Interrogada, a entrevistada do SEDUP sobre como avaliava o seu trabalho tanto em termos de satisfação quanto em função dos objetivos do centro, assim, se expressiu:

a gente cria, recria, discute, rediscute, quem faz as leis não é quem está lá em cima, mas nós buscamos fazer a relação entre nós mesmos. A equipe discute orçamento, a prática do trabalho, os eixos onde vai atuar. Prá mim é construir sempre, então, é gratificante, é isso. É você ver que alguma coisa você está criando, você não está recebendo pronto, a gente está buscando esse conhecimento, a gente está querendo fazer alguma coisa diferente, descobrir coisas que até então a gente era leigo, então eu acho que é isso, essa busca que a gente tem, esses conhecimentos (adquiridos) constantemente, prá mim é gratificante.

o) APRESENTAÇÃO DE NÚMERO EXPRESSIVO DE PROFISSIONAIS DE ORIGEM MILITANTE

A documentação alternativa se identifica pelas suas próprias origens com a militância vinculada à Pastoral da Igreja Católica, contestando um *status quo* do qual faz parte a documentação oficial. Enquanto esta é operacionalizada por especialistas funcionários do Estado, a documentação alternativa recrutava os seus técnicos na militância.

Alguns CPDCs ilustram exemplarmente essa identificação com a militância.

Assim, a própria constituição da AATR reflete uma tomada de posição ideológica:

A Associação surgiu de uma necessidade que nós tivemos aqui na Bahia de articular e de organizar os advogados que trabalhavam, sobretudo, na assessoria a trabalhadores rurais diante de uma violência muito grande que aconteceu no campo, aqui no Estado nos anos 70 e 80. Vários trabalhadores rurais, assessores, inclusive advogados são assassinados em função dessa violência.

Agora mesmo, nós estamos completando 17 anos do assassinato de um desses advogados que vai ser, inclusive, objeto de uma homenagem que nós vamos fazer para a semana. Uma coisa que a gente chama Semana da Terra Eugênio Lira. Eugênio foi um desses advogados assassinados friamente em função do trabalho que desenvolvia. Então, em função dessa violência que se abatia no campo, atingindo também os advogados, nós que já trabalhávamos na área, em 82, fundamos a ASSOCIAÇÃO DE ADVOGADOS DE TRABALHADORES

RURAIS para dar um pouco mais de cobertura, de articulação a esses advogados. [...] Eu, pessoalmente, participei de toda a articulação mesma anterior, já em 77 quando Eugênio, que me referi, foi assassinado, eu já estava como advogado de trabalhadores rurais. Comecei há 20 anos atrás e desde o início da fundação, da articulação para a fundação da Associação, nós estávamos contribuindo, colaborando com os advogados aqui da Bahia.[...] a gente tem aqui dois objetivos, dois públicos meta e público alvo do nosso trabalho, que são advogados e os trabalhadores rurais. Então, nesses 12 anos de existência da entidade, a gente, eu e meus colegas aqui da entidade, nós desenvolvemos atividades exatamente no sentido de aprimorar a atuação desses advogados, iniciando, passando informações jurídicas, jurídico-políticas, informações que contribuem para o crescimento, o aprimoramento da atuação dos advogados, como também na atuação e no aprimoramento das lutas dos próprios trabalhadores rurais.

p) INTERCÂMBIO SISTEMÁTICO DE INFORMAÇÃO DE FORMA COMPLEMENTAR

Os CPDCs se caracterizam pela operacionalização complementar em termos de troca sistemática de informações, potencializando os trabalhos desenvolvidos a nível comunitário.

Nesse sentido, o entrevistado do SAMOPS argumentou quando perguntado se mantinha vinculação como outros centros:

Nós temos dois tipos de vinculação (com o Centro Luís Freire). Nós temos uma vinculação, digamos, orgânica, que é enquanto movimento nacional dos direitos humanos. E temos um nível de vinculação mais próxima porque integramos o mesmo banco de dados. SAMOPS faz parte do Banco de Dados da Violência.

As 16 (dezesseis) características analisadas acima (alíneas a - p) não foram construídas a *priori*, resultaram das observações feitas a partir das entrevistas. Pretende-se com isto ter delineado um perfil aproximado da documentação alternativa contraposto à documentação oficial no contexto do campo social da documentação.

4 CONCLUSÕES

Os dados indicaram uma clivagem entre os subcampos da documentação oficial e alternativa, em termos ideológicos, organizacionais e formas de recuperação de informação.

Constata-se uma ignorância mútua entre o campo que trabalha com a documentação popular e o campo que trabalha com a documentação acadêmica. O acadêmico se isolando basicamente no ensino ou numa prática de modelos rígidos, o alternativo militando numa prática com vistas a obter resultados de mudança social, mas enfrentando carências na organização da documentação. Sentimos a necessidade de um intercâmbio entre os dois subcampos do campo social da documentação em termos de perspectivas: em nível de informação; a nível de tratamento de informação e a nível de treinamento e extensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre & WACQUANT, Loïc J. D. **Réponses**: pour une anthropologie réflexive. Paris: Édition du Seuil, 1992.

BRADFORD, S. C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

CELADEC. Comissão Evangélica Latino-Americana da Educação Cristã. **Definição e conteúdo da documentação popular**. Trad. Centro Pastoral Vergueiro - São Paulo. (Distribuído no 1º. treinamento do SEDIPO/CNBB - NE II, Recife, 1984, 12-16 de março) (Datilografado)

CUNHA, Murilo Bastos da. O papel do bibliotecário e a sociedade brasileira. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v. 7, n.1, p.7-26, mar. 1978.

FONSECA, Edson Néri da. **Introdução à biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992. 153p.

LOPEZ YEPES, José. **Teoria de la documentación**. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1978.

MUELLER, Susana Pinheiro Machado. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **R. Bibliotecon. Brasília**, v.17, n.1, p.63-70, jan./jun. 1989.

ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

ROCHA, Maria Mercedes Otero. **Documentação e movimento popular**: estudo da experiência do SEDIPO - Serviço de Documentação e Informação Popular - Recife. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 1990 (Dissertação de Mestrado).